

PESQUISAS E CIÊNCIAS HUMANAS NO BRASIL: SOLUÇÕES E/OU IMPOTÊNCIAS?¹

José Luis Sanfelice²

OS PROPONENTES do tema acima enunciado podem ter tido a expectativa de que seria elaborada uma possível abordagem eminentemente política do mesmo. Talvez se desejasse contemplar aspectos relacionados às condições materiais nas quais os pesquisadores trilham com suas pesquisas nos dias de hoje o contemplar aspectos de uma política do fazer científico implementada ou não pelos órgãos e instituições teoricamente voltados às ações de elaboração do conhecimento.

A abordagem talvez esperada seria sem dúvida relevante e nos viabilizaria, quem sabe, um mapeamento das condições em que se desenvolvem as ciências humanas no Brasil para, a partir daí, apontarmos soluções e/ou impasses.

Apesar do meu reconhecimento da relevância que tal intento poderia ter, prefiro propor à nossa reflexão uma questão mais geral, no meu entender não menos significativa, e que de certa forma está para além das condições políticas ou materiais que condicionam a construção das ciências humanas. Não se trata de nenhuma questão metafísica, mas tão somente de um olhar voltado para uma dimensão que indica algo que está ocorrendo mais radicalmente no interior da concepção do que são as ciências humanas. Refiro-me de forma específica, aos encontros e desencontros que as ciências humanas passaram a vivenciar quando também elas se viram assaltadas pelos ares do que se convencionou denominar de pós-modernidade. Nossa área de investigação, a História da Educação, bem conhece o clima ao qual me refiro. Bastaria aqui para

¹ Resumo da conferência proferida no III Seminário do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação de Sergipe – Região Nordeste – Rede HISTEDBR, em 22/11/00. Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão/SE.

² Professor da FE/UNICAMP e pesquisador do HISTEDBR.

aclarar, mencionarmos o embate teórico-metodológico intenso que os pesquisadores vêm travando a cada dia.

Quanto aos encontros e desencontros das ciências humanas em tempos de pós-modernidade, Perry Anderson (1999) inventariou aspectos que muito nos esclarecem. Em primeiro lugar ele identificou que o termo pós-modernidade, antes freqüente no mundo das artes, ganhou estatuto filosófico quando J. F. Lyotard publicou em 1979 sua obra "A condição pós-moderna", registrando que a chegada da pós-modernidade ligava-se ao surgimento de uma sociedade pós-industrial na qual o conhecimento tornava-se a principal força econômica de produção, mas perdendo suas legitimações tradicionais. Em outras palavras, isto significava afirmar que as ciências já não podiam reivindicar o privilégio sobre outras formas de conhecimento, com sua pretensão de verdade em relação ao conhecimento comum. As duas grandes narrativas clássicas, uma herda da da Revolução Francesa – propondo a humanidade como agente histórico de sua própria libertação através do conhecimento –, e a outra descendente do idealismo alemão – que via o espírito como progressiva revelação da verdade –, perderam credibilidade.

O traço definidor da condição pós-moderna seria, então, a perda da credibilidade dessas narrativas, uma vez que a ciência atrelou-se ao capital, ao Estado e a verdade ficou reduzida ao desempenho e à eficiência. O correlato social é a tendência para o contrato temporário em todas as áreas da existência humana: a ocupacional, a emocional, a sexual, a política – os laços são mais econômicos, flexíveis e criativos que os da modernidade.

Perry Anderson aponta que a obra de J. F. Lyotard tratou a pós-modernidade como uma mudança geral na condição humana e anunciou o eclipse das narrativas grandiosas, neste caso, garantindo sobretudo a morte do socialismo clássico. Mas, segundo ele, a história desacreditaria pelo menos em parte a posição de J. F. Lyotard porque a profunda mudança da conjuntura mundial dos anos 80, com a euforia do capitalismo triunfante, a ofensiva ideológica de direita, o colapso do bloco soviético, viabilizou pela primeira vez na história o domínio da mais grandiosa de todas as narrativas – uma história única e absoluta de liberdade e prosperidade, a vitória global do mercado, o neoliberalismo. Nada impediu que a democracia liberal passasse a ser o horizonte insuperável da época e não podia haver nada mais, senão o capitalismo. O pós-moderno passou a ser uma sentença contra as ilusões alternativas, ou cúmplice da direita.

Passando pelas considerações de Jürgen Habermas sobre o tema da pós-modernidade, Perry Anderson aponta ser ele um referencial constante após ter pronunciado seu discurso em Frankfurt, em 1980, cujo título foi "Modernidade – um projeto incompleto". A posição de Habermas também é apresentada como uma crítica ao projeto iluminista que, segundo ele, em parte perdeu o seu rumo. A diferenciação entre ciência, moralidade e arte, com suas próprias normas, verdade, justiça e beleza, acabou em especialização esotérica de cada uma delas, sem alcançar e enriquecer o fluxo subjetivo da vida cotidiana e sem penetrar os recursos comuns da comunicação diária.

Por último, nas considerações que estou abstraindo da reflexão de Perry Anderson (1999), destaco sua menção a Frederic Jameson, lembrado pela sua conferência profe-

rida em 1982, indicando cinco pontos considerados essenciais: a) o ponto mais fundamental: o pós-moderno está ancorado em alterações objetivas da ordem econômica do próprio capital. É um sinal cultural de um novo estágio na história do modo de produção reinante; b) entre os traços da nova subjetividade está a perda de qualquer senso ativo de história, seja como esperança, seja como memória; c) o pós-moderno expandiu-se praticamente à todas as artes e em grande parte do discurso sobre elas; d) as bases sociais e o padrão geopolítico do pós-moderno é o capitalismo avançado que continua sendo uma sociedade de classes, mas nenhuma classe dentro do sistema é exatamente a mesma de antes e, e) qual seria a atitude adequada face à pós-modernidade? Lamentar-se porque seria uma corrupção do moderno? Celebrá-la como uma emancipação? Condená-la de forma moralista? À estas indagações, o ensaio de uma resposta que me pareceu contundente indica a cumplicidade da pós-modernidade com a lógica do mercado e do espetáculo como inequívoca, considerando que a sua simples condenação é inútil.

Bem, retomemos duas colocações minhas feitas anteriormente. Disse que preferia propor à nossa reflexão uma questão mais geral, e que de certa forma está para além das dimensões políticas ou materiais que condicionaram a construção das ciências humanas. Talvez agora seja mais clara a afirmação feita. Referia-me exatamente a este imenso debate teórico sobre a pós-modernidade, apenas indicativamente apontado em considerações acima e que, enquanto conjunto de idéias, perpassa de forma geral a própria concepção das ciências humanas. Estão ou não em crise as ciências humanas? Os paradigmas considerados arcaicos são realmente obsoletos? As grandes narrativas podem ser abandonadas sem nenhum prejuízo para o conhecimento? A falência da modernidade é um fato inevitável ou já concluída?

Minha outra afirmação a ser retomada está relacionada à primeira, porque eu disse, referindo-me à questão geral a ser abordada, que ela não é uma questão metafísica. Não é uma questão metafísica porque, como vimos, a pós-modernidade está objetivamente ancorada em alterações também objetivas da ordem econômica do próprio capital, que em esfera hoje global alimenta-se da ideologia neoliberal ao mesmo tempo em que a realimenta. Pós-modernidade, capitalismo globalizado e neoliberalismo imbricam-se profundamente e são responsáveis pela mais grandiosa narrativa já mencionada, de todos os tempos da história da humanidade. As ciências humanas não ficam imunes a esta realidade e não raro, cedem à lógica de mercado (pesquisa-se, por exemplo, o que é mais aceito pelas editoras para publicação) ou procede-se na pesquisa, em nome dos novos paradigmas, de modo aligeirado, superficial, sem rigor metodológico, sob o manto sagrado da interdisciplinaridade, da multidisciplinaridade, da transdisciplinaridade, quase sempre caminhos facilitadores para disciplina nenhuma. Não nos esqueçamos de que os recursos para as pesquisas nem sempre são liberados por critérios ou instâncias acadêmicas.

Mas, como já foi dito, é inútil a simples condenação de toda esta pós-modernidade e poderia acrescentar agora é inútil condenar o capitalismo globalizado e a sua ideologia neoliberal. São dimensões de uma realidade objetiva e que, à sua maneira, na conformação que adquiriram sob todos os aspectos, constituem-se em objetos ou facetas de um mesmo objeto desafiadores das ciências humanas. Se assim entendermos, recuperaremos a dimensão política e dialética do problema, porque às ciências

humanas cabe a tarefa dialética de abrir caminhos através deste novo emaranhado histórico, de forma a mais completa possível, para que nosso entendimento, nosso conhecimento dos novos tempos, surgisse transformado. O conhecimento, o mais totalizante possível, de uma ordem capitalista (econômica, social, política, cultural, ideológica, etc.) ilimitada.

É, penso, evidente que as últimas colocações soam como uma tomada de posição. Estão certos os que assim entenderam. Em meu auxílio, vou mencionar um autor da modernidade e cuja obra mereceria toda uma contextualização histórica para melhor ser compreendida. Não posso fazer esta apresentação agora, pela limitação natural da circunstância, mas acredito que os elementos que desejo indicar do seu pensamento, não sofrerão prejuízos. Trata-se de Álvaro Vieira Pinto autor de "Ciência e Existência" (1969), que se refere à necessidade da compreensão filosófica da pesquisa científica.

A pesquisa científica constitui um tema a cuja consideração o homem de ciência, em geral, e o pesquisador, em particular, não podem deixar de se dedicar. Qualquer que seja o campo de atividade a que o trabalhador científico se aplique, a reflexão sobre o trabalho que executa, os fundamentos existenciais, os suportes sociais e as finalidades culturais que o explicam, o exame dos problemas epistemológicos que a penetração no desconhecido do mundo objetivo suscita, a determinação da origem, poder e limites da capacidade perscrutadora da consciência e tantas outras questões deste gênero, que se referem ao processo da pesquisa científica e da lógica da ciência, não podem ficar à parte do campo de interesse intelectual do pesquisador, que precisa conhecer a natureza do seu trabalho, porque, (...) este é constitutivo da sua própria realidade individual" (Pinto, 1969, p.3).

Foi um pouco do exercício acima que procurei executar aqui uma vez que busquei na nova ordem mundial, a explicitação do que está condicionando o movimento das ciências humanas que, para muitos, é uma crise dos paradigmas tradicionais e, para outros, é a presença de um novo objeto de investigação que nos incomoda. Como tenho me posicionado entre os segundos, venho insistindo que é mais atual do que nunca uma outra recomendação de Álvaro Vieira Pinto:

A ciência só pode tornar-se um instrumento de libertação do homem e do seu mundo (...), se for compreendida por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele pleno significado de indagação em face da realidade natural e social. Uma filosofia da pesquisa científica, que incorporará naturalmente toda a reflexão sobre a metodologia da investigação, a lógica do raciocínio científico e a sociologia da ciência, é o pressuposto indispensável à formação da consciência do trabalhador neste campo da cultura, tão indispensável quanto os conhecimentos particulares técnicos de que deve estar munido para empreender sua atividade. (Pinto, 1969, p. 4-5).

É então oportuno o seguinte questionamento: como a nossa sociedade e no seu interior as instituições voltadas a tal finalidade, formam nossos cientistas da chamada área das ciências humanas? Há alguma preocupação em se lhes oferecer uma formação filosófica séria? Costuma-se introduzi-los nos meandros da epistemologia do fazer científico? São alertados para a sociologia da ciência? Quantos estudantes de iniciação científica ou de pós-graduação das nossas universidades, lêem hoje um livro que trate da lógica formal ou da lógica dialética? Ao rigor e à racionalidade que implicam no fazer ciência, não estaria se opondo a banalização facilitada, para formadores e

formandos, que somente consagra o senso comum? Não vem se impondo uma visão utilitarista de praticar ciência sem maiores exigências de uma densa formação teórica do pesquisador? As ciências humanas têm sido entendidas como rigoroso saber metódico e intencionalmente concebido para servir á transformação da realidade?

Somente respostas objetivas e contextualizadas a estas e outras questões poderão de algum modo aproximar-nos das soluções e ou impotências vividas pelas ciências humanas no Brasil porque, hoje, clama-se, antes de tudo, por uma consciência científica por parte dos funcionários da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- PINTO, A. V. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

